

ASSIGNATURA

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escripório da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semannario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRIPTORES,
Não excedendo de 20 linhas, .. \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRIPTORES,
Não excedendo de 10 linhas, .. \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1o. ANNO

QUINTA-FEIRA 4 DE AGOSTO DE 1864.

No. 44

MACAU 3 DE AGOSTO

É SABIDO que os capitaes auferem um interesse maior ou menor na razão inversa da quantidade dos capitaes disponíveis, e na razão directa do interesse que a industria lhes offerece.

Dissemos isto sómente para evitar as contestações, que na generalidade nos possam apresentar, e agora iremos dizer alguma coisa sobre as vantagens que podem tirar na China os capitaes, que um banco qualquer estabelecido nesta cidade, ou a agencia do *Banco Nacional Ultramarino* deve trazer para Macau.

O dinheiro, em todos os portos da China abertos ao commercio, tem sido sempre procurado até 10 e 12 por cento, e é bem sabida a razão disto.

As operações mercantis são muito importantes, e o credito, que os chinas comprehendem e acceitam muito bem, dá ao capital, empregado nos pagamentos das mercadorias, o dobro e o triplo fiado, a receber depois de realisada a venda nos mercados europeus. Uma transacção bem succedida, com prompta venda na praça de Londres, por exemplo, de uma carregação de chá ou de seda, ida da China, pôde dar o resultado seguinte: Capital, empregado na compra das fazendas aos chinas, um terço do valor destas; lucros da venda, segundo o mercado, 20 ou 30 por cento do capital; mora por conta dos chinas para o reembolso dos dois terços do capital restante, com a transacção que se pôde fazer pela diminuição ainda dessa mora para conveniência do vendedor, que fiará outra vez outra fazenda por preço mais modico, por se lhe ter abreviado o prazo do reembolso, etc. etc.

Pôde calcular-se que o movimento do commercio da China e do Japão corre geralmente em proporções desta ordem, pelo que é considerado como o mais productivo e importante que hoje se faz no mundo.

Se uma vez ou outra o commercio pôde afrouxar, como já por vezes tem succedido, convem comtudo advertir que o Japão e principalmente a China são países de muita riqueza natural, e por tanto essencialmente productivos. Alem disso, todos sabem que neste mundo tudo é contingente, e não está fóra desta regra o objecto em questão, apesar de haver as probabilidades favoraveis que acabamos de indicar, e ainda outras que por vezes temos enumerado nesta folha.

Ligando este assumpto com a agencia do *Banco Nacional Ultramarino* e a da secção de soccorros mutuos sobre a vida, administrada pelo *Monte-pio Geral*, de que fallamos em o nosso numero anterior, continuaremos a insistir com as agencias destas duas instituições, no caso de se determinar para esta terra a de soccorros mutuos do *Monte-pio Geral*, para não

desprezarem os interesses, que dos seus capitaes podem resultar para Macau e para os socios de ambas as associações.

No ultimo numero, em que fallamos sobre a necessidade de estabelecer-se aqui uma agencia da caixa de soccorros mutuos, administrada pelo *Monte-pio Geral*, ou da do *Banco União*, ou da do *Banco Alliança*, porque qualquer dellas tem o mesmo fim de utilidade, e por tanto convem do mesmo modo para Macau, — não nos lembrou de tornar saliente que o dinheiro, mandado d'aqui para Lisboa por meio de letras, lucra muitas vezes de cambio mais de 25 por cento. Este exemplo deve servir muito bem para todos os empregadores, que sabem devidamente avaliar a importancia do valor da moeda, e comparal-a ao que vale na Europa.

Esta circumstancia, pois, deve animar uma bem entendida especulação das agencias, que, fazendo aqui as recepções em patacas, tomadas apenas a 850 reis cada uma, lhes rendem em Lisboa mil e tantos reis. Deste modo é claro que uma caixa qualquer de soccorros mutuos sobre a vida pôde auferir ainda mais esta vantagem, estabelecendo uma agencia em Macau, ou pelo menos autorisando, salvas quaesquer inconveniencias, a agencia do *Banco Nacional Ultramarino* a manejar, debaixo de convencionadas condições, os seus negocios nesta terra; ou remetendo-lhe em notas de patacas a importancia que aqui recebesse dos associados, com o que a caixa muito lucraria pelo cambio, como deixamos dito; ou girando aqui com esse dinheiro por conta da caixa de soccorros mutuos, com o que não menos ou talvez mais lucraria esta associação pelos bons e grandes interesses, que se podem tirar dos negocios nestas paragens.

Alem do que temos dito hoje, prometemos voltar ainda a este assumpto, pois o consideramos de muito alcance para esta colonia.

No nosso numero anterior, veio um nosso correspondente lembrar-nos um assumpto, sobre que ha tempos tinhamos tenção de fallar, e que em verdade carece ser tratado pela imprensa. É a irregularidade que em algum respeito se nota no cemiterio publico desta cidade, e o pesado onus que o respectivo regulamento lança sobre as pessoas, que hajam de tomar ali terreno para jazigos particulares.

Em Macau pertence actualmente a Igreja a administração do cemiterio, debaixo da inspecção das autoridades publicas, na conformidade dos decretos regios de 21 de setembro e de 8 de outubro de 1835; e os rendimentos são repartidos pelos parochos e pelas fabricas das igrejas. Este estado de coisas foi

determinado por uma portaria do ministerio dos negocios da marinha e ultramar com data de 9 de fevereiro de 1847.

Ora, o nosso intuito não é pedir as contas desta administração; pelo contrario, temos confiança nas autoridades competentes, mas não podemos deixar de estranhar que estas contas não tenham sido publicadas, como em geral devem ser as contas de todas as administrações de negocios publicos. Hoje tudo se publica, e é este um meio de mostrar á sociedade a verdade dos actos dos funcionarios publicos, pois que o reinado das trevas já lá vae.

Mas volvamos os olhos para o regulamento, creado por uma portaria de 18 de outubro de 1854, e alterado em parte por outra portaria de 20 de dezembro de 1855.

A *esmola*, que se exige de 200 patacas por 18 covados quadrados de terreno para uma sepultura perpetua de toda uma familia, e a *esmola* de 75 patacas por igual porção de terreno para o mesmo fim de uma só pessoa, parecem-nos ambas muito pesadas, e sobre tudo achamo-las em grande desproporção uma com a outra. O regulamento acrescenta que, quando se achar pouco este terreno, se poderá tomar o que for necessario para o jazigo, pagando-se 5 patacas por cada covado de terreno que houver de se tomar a mais.

Este acrescentamento é que leva as sepulturas a um preço exorbitante, e d'aqui tem resultado que muitas pessoas hão tomado mais terreno do que o estabelecido, por acharem este insufficiente para os seus jazigos, e nem por isso têm pago a importancia desse excesso, e constam-nos mesmo que até se lhe não ha exigido. A porção de terreno, que a familia do fallecido Francisco Vollong acaba de tomar para lhe fazer um tumulo, calcula-se na importancia de 900 patacas, preço que em verdade nem todos podem pagar.

Por outros muitos inconvenientes ainda, tem a experiencia mostrado, no largo periodo de 10 annos, a necessidade de uma reforma justa no regulamento, pois é indispensavel que se estabeleçam preços modicos e razoaveis, assim como é preciso que estes depois se recebam com escrupolosa regularidade. Sobre este ponto chamamos a attenção do Exmo. governador desta colonia, porque estamos bem certos de que S. Exa. tomará a respeito deste negocio aquellas efficazes e justas medidas, que costuma tomar a respeito de todos os outros.

Feitas estas considerações, iremos apresentar alguns alvites sobre o que achamos necessario que se estabeleça naquella mansão da morte.

A receita do cemiterio, como já dissemos, é repartida pelas fabricas e pelos srs. parochos, mas é mister que a respe-

ctiva administração só faça essa distribuição depois de ter ocorrido ás despesas, que se tornam indispensáveis no cemitério.

Acha-se ali uma ermida de acanhadas dimensões, e mesmo arruinada em parte, e por isso torna-se necessario substitui-la por outra, que, em estado regular, possa satisfazer precisamente ao fim religioso, para que é destinada.

Nota-se também ali a falta da permanencia de um porteiro e de um livro, onde sejam registadas as diferentes sepulturas, pois acontece haver pessoas, que, tendo ali os seus parentes, mas ignorando em qual das sepulturas, não se pôde actualmente encontrar meio de se lhes indigitar a campa que procuram. Ainda ha pouco tempo se deu este caso com uma senhora franceza, que buscava a campa de um seu parente que ali tinha sido sepultado. Pelo facto também de se achar a porta do cemitério quasi sempre fechada, acontece que muitas pessoas não podem, como desejam, ir visitar em qualquer hora do dia a campa de seus parentes.

Porque se não hade, pois, construir ali uma casa para um porteiro permanente, visto que é grande o rendimento do cemitério?

Tornamos, por tanto, a exorar á autoridade competente que se digne tomar as precisas medidas, para que no cemitério publico de Macau haja aquella regularidade, que deve haver em um estabelecimento desta ordem.

COMMUNICADO.

LI O COMPOSTO de baixos insultos que, como por ahi se diz, o tal gato escaldado lançou no *Echo do Povo*.

O homem viu a verdade, que demonstrei no numero anterior deste jornal, e não a pôde negar. Por consequencia lembrou-se de quanto um homem sem educação e sem principios se pôde lembrar, e lança á face da sociedade meia duzia de palavras giricas, que os homens sensatos lêram com repugnancia, afastando para longe de si o papel que as contem.

A redacção deste jornal também foi atacada pelo aggressor, mas como o fim della é discutir, e não trocar improperios, nada lhe dirá, porque assim o exige a sua dignidade.

Lamento, contudo, que viesse um homem desabrido tratar de tão insolita maneira uma questão seria e de importancia, e desejára mesmo que se acabassem por uma vez os motivos, em que se estáo fundando os correspondentes para fazerem graves accusações á reverenda commissão de sacerdotes, que se acha á testa dos negocios do *Cofre dos Pobres*.

Para se conseguir este fim, tão desejado por todos os homens sensatos, parece-me que seriam simples e facteis os meios a empregar-se.

Uma commissão, composta de homens habilitados e conscienciosos, que bastantes os ha em Macáo, podia muito bem, por determinação da auctoridade competente, fazer um escripto exame a todos os negocios do alludido Cofre, e dar conta do resultado que obtivesse ao Exmo. Governador desta colonia.

Deste modo parece-me que não só se acabaria esta questão, que tanto tem inquietado o espirito publico, mas entraria

em estado regular aquella piedosa instituição, na qual se estão fixando hoje todas as atenções de Macáo.

É este, pois, um pedido respeitoso, que em nome da boa reputação e crédito dos Srs. Parochos de Macáo, e em nome também da pobreza, tomo a liberdade de fazer a Sua Exa. o Governador desta colonia.

Se me não tivessem coagido a entrar nesta questão, á qual tenho sido sempre estranho, como todos sabem, e por isso fallo com a mais plena imparcialidade,—deixaria este assumpto a homens mais competentes; mas sendo como fui obrigado a occupar-me deste objecto pela imprensa, é claro que me deve ser licito e admissivel expôr francamente o que entendo a tal respeito.

A questão do *Cofre dos Pobres* vae já tomando um grande vulto, como se vê, e por isso parece-me que o mais prudente e cordato é a intervenção da auctoridade neste negocio, porque deve ser mais facil agora resolvel-o do que talvez mais tarde, sendo também muito inconveniente a prolongação de uma questão pela imprensa, que deve necessariamente trazer serios desgostos a muita gente.

Torno, pois, com o respeito devido a pedir a Sua Exa. o Governador de Macáo a nomeação da alludida commissão, e tenho toda a esperanza de que Sua Exa. achará justo este pedido, pois sabe muito bem apreciar esta questão, sendo igualmente certo que deseja sempre conciliar os negocios, com aquelle admiravel mixto de energia e prudencia que o caracteriza.

J. DA SILVA.

NOTICIAS DIVERSAS.

Expediente.—Publicamos no logar competente uma carta, que á ultima hora recebemos do sr. Pe. Mattos.

Por esta carta vê-se que S. Sa. está desgostoso com a polemica que tem havido entre os correspondentes deste jornal e os do *Echo do Povo*, e indignado contra as expressões grosseiras e insolentes de um dos correspondentes do *Echo*.

Tambem nós não gostamos de semelhantes polemicas, e se publicamos as defesas dos aggredidos, é porque as temos achado em termos que nos tem parecido admissíveis.

Cidadão portuguez.—Por decreto regio de 14 de maio ultimo foi naturalizado cidadão portuguez, o chiná Alam, residente n'esta cidade.

Occurrencias policiaes.—Desde 19 de julho ultimo até 2 do corrente, foram presos, e enviados á procuratura, vinte e cinco chins de ambos os sexos, por diferentes furtos, desordens, ferimentos e infrações de leis locais; em diferentes sitios da cidade appareceram tres cadaves de chinas, que foram sepultados pelos respectivos *cabeças da rua*, e foram apanhados tres cães vadios, e remetidos para a Taipa.

Piratas.—O *Singapore Daily Times* conta que o Brigue *Louisa*, sahido de Hongkong em 18 de maio ultimo, estando em calma na costa do Hainan, foi atacado por um grande junco de piratas. O navio sustentou fogo emquanto poudo, mas afinal foi tomado pelos piratas, que lhe roubaram a carga levando mais de metade. No acto da abordagem os malaios da guarnição lançaram-se ao mar, nadando para fóra do navio; o contra-mestre foi morto, o capitão e o ganeiro ambos muito feridos ficaram sobre a coberta. Os piratas, cortaram uma das mãos ao capitão, e fizeram-lhe torturas para elle declarar se o navio tinha ou não dinheiro a bordo. Em conclusão, o navio depois de roubado foi incendiado e pouco depois o *Young Greek* poudo tomar o ganeiro e sua mulher que andavam sobre uma taboa, a duas milhas de distancia deste desgraçado navio. No dia seguinte o navio salvador poudo aproximar-se do *Louisa* e receber ainda dois chins, um cozinheiro, e outro passageiro, unicos que restavam a bordo os quaes estavam pendurados nas ancoras. Estes quatro que parecem os unicos que escaparam foram levados a Bangkok, e d'aqui a Singapura no vapor *Chow Phya*. Diz o jornal d'onde extrahimos a noticia que se não tivesse apparecido o *Young*

Greek, a perda do *Louisa* havia de ser attribuida a um tufão.

Na semana passada soubo-se em Macau ter sido tomado pelos piratas, proximo de Caulan um grande taumão d'esta praça, com uma importante e valiosa carga de assucar, que se avalia em \$40,000.

Temporales.—Diz um jornal inglez que tem sido muitos e continuados os temporales na costa de Portugal.

Tabaco.—Diz o *Boletim do Governo*, por participação official, que se fez em Manilla um leilão de tabaco em folha, vendendo-se 12,500 quintaes a \$23,25 por quintal. Este tabaco foi para a Europa, sendo os fretes ajustados a £4.10 e £4.

Explosão em Tripoli.—A mala franceza conta alguns pormenores deste acontecimento de que já demos noticia. Um telegramma recebido em Malta, pelo consul ottomano, do governador de Tripoli, diz que o numero de victimas é de 150; outras noticias dizem que o forte *Spanish*, alfandega, e muitos armazens foram destruidos. Um telegramma de Lloyd, de 30 de maio affirma que na explosão pereceram 500 turcos, 3 judeus, e 12 maltezes.

Alabama.—Chegou a Cherburg, e com authorisação do commandante da praça desembarcou 40 presoneiros tomados a diferentes navios que destruiu no alto mar, desde que ultimamente sahio do Cabo da Boa Esperança. Preciso como está de reparos pediu authorisação para os alli fazer. O *Hongkong Daily Press* publica um telegramma de Londres de 18 de junho, dizendo que não lhe sendo permitido reparar-se em Cherburg, o capitão Semmes, posára em terra todos os valores, e depois sahindo do porto, lançou fogo ao navio, desembarcando nas costas de França, com a sua guarnição. Ainda que o facto seja possivel, dámos-lhe quarentena.

Forças navaes.—Extrahimos do *China Express* de 17 de junho a seguinte curiosa estatistica das bocas de fogo que actualmente possuem diferentes mariinhas de guerra. A esquadra britannica tem 14,050 bocas de fogo; a da França 8,876; a dos Estados Unidos 4,184; a da Russia 2,013; a da Hollanda 1,220; a da Dinamarca 958; a da Suecia 920; a da Hespanha 904; a da Austria 852; a da Italia 789; a de Portugal 363; a da Noruega 340; a da Turquia 297; a do Brazil 296; a da Prussia 265; a da Grecia 149; a do Perú 104; a do Chili 66; a da Belgica 28. Todos os navios de guerra destas nações fazem um total de 2980 navios, dos quaes 1684 são vapores, e 1296 de vela, montando um total de 36,653 bocas de fogo.

Cruzeiros belligerantes.—O governo de S. M. Britannica enviou aos governadores das suas colonias instruções acerca do tratamento das prezas capturadas pelos cruzeiros federaes ou confederados, nas aguas inglezas. Conduzidas as prezas pelos captores a logares da jurisdicção britannica, os captores serão avisados logo para partirem e removerem as prezas. Um navio que se ache em *bona fide* convertido em navio de guerra não será julgado como preza. As prezas chegadas aos logares da jurisdicção ingleza, por força de tempo, ou outra necessidade inevitavel e extrema, se lhe poderá conceder para sua remoção o tempo que se julgar necessario.

Não sendo as prezas removidas no tempo prescripto, os governadores as podem deter.

Se as prezas forem feitas com violação de territorio, ou nas aguas de S. M. Britannica poderão ser detidas até que S. M. delibere.

As instruções já dadas a respeito das cargas continuam em vigor.

Ratice japoneza.—Appareceu em Yeddo, publicado um papel do seguinte theor:—Ha muitos annos que todas as mercadorias estão caras, e por isso o povo soffre. Recebeu-se pois agora da capital (Kioto) a seguinte ordem:—Todas as fazendas que os negociantes tiverem para vender, devem mostrar-as ao Taicun, dando-lhe conta do seu custo, e por quanto as querem vender. Ao examinar-se isto, se se encontrar no futuro vendas feitas por preços exorbitantes, os vendedores serão julgados criminosos, e como taes castigados, e os preços dos artigos gradualmente reduzidos.

NOTICIAS SCIENTIFICAS.

RELATORIO SOBRE A EPIDEMIA DE CHOLERA-MORBUS EM MACAU NO ANNO DE 1882

APRESENTADO AO CONSELHO DE SAUDE NAVAL E DO ULTRAMAR

Pelo dr. Lucio Augusto da Silveira, cirurgião mór de Macau

(Continuação do numero 40.)

No dia 1 de setembro deram entrada no hospital militar 2 soldados atacados no mesmo dia, 1 do corpo de policia e 1 do batalhão de artilheria. N'esse dia ás duas horas da tarde foi atacado 1 servidor chim do mesmo hospital, o qual falleceu em menos de oito horas. No hospital da misericordia entrou 1 mulher parda moradora no *Baixo monte*, e houve

I caso em uma senhora no largo do Senado, freguezia da Sé; todos, á excepção do chim, se restabeleceram. Os mestres deram 5 atacados e 4 mortos.

No dia 2 de setembro appareceram 4 casos, 2 na cadeia publica, 1 nas proximidades do asylo dos pobres, onde o doente foi recolhido, e 1 creança particular, todos na freguezia da Sé; na cadeia foi gravemente atacado 1 chim que tratamos e se restabeleceu no hospital militar, e 1 mulher china que, por ter tido mandado de soltura, se recolheu para sua casa já melhorada. Dos outros 2 casos, o do asylo dos pobres terminou pela morte. Os mestres chins communicaram 6 casos e 1 fallecimento.

Ao entrar na enfermaria dos cholericos do hospital militar, na manhã de 3 de setembro, vimos em uma das camas, conduzido n'aquelle instante e gravemente atacado de cholera-morbus, 1 soldado que como ordenança havia acompanhado o chefe de policia e o seu ajudante na vista sanitaria que fizemos na tarde antecedente ás povoações chinezas de *Palau* e *Mong-há*: o activo e infeliz soldado, natural de Macau, foi atacado na madrugada do dia 3, e succumbiu seis dias depois. No asylo dos pobres foi recolhido no mesmo dia 1 chim que se restabeleceu. Os mestres deram 7 atacados na sua gente.

Nos dias 4 e 5 o tempo esteve excellento, os doentes em tratamento caminhavam com regularidade, e não houve senão um caso grave. Assim, no dia 4 foi atacado 1 soldado do batalhão de artilheria, que recolheu ao hospital militar, onde se curou, e 1 velho que vivia no hospital da misericordia, e que falleceu; os mestres chins deram 9 atacados. No dia 5 houve 1 soldado do batalhão e 1 preso da lorchá de guerra, ambos recolhidos ao hospital militar, e tres chins atacados.

Na tarde do dia 6 encobriu-se o tempo, e de noite choveu, tendo caído muita chuva, e havendo relampagos e trovões nos dias 7 e 8, principalmente n'este ultimo. A maior parte dos doentes em tratamento no hospital militar pioraram n'esses dias.

No dia 6 deu-se o primeiro caso, que foi fatal em poucas horas, na freguezia de S. Lourenço, rua de *Lilão*: este doente foi observado por nós e tratado pelo facultativo Theodoro de Abreu. Foi recebido e falleceu 1 chim no asylo dos pobres. Os mestres deram 5 atacados.

No dia 7 entrou para o hospital militar 1 soldado do corpo de policia, e foi atacado durante a noite 1 doente da enfermaria de cirurgia. No asylo dos pobres entraram 1 homem e 1 uma mulher, fallecendo esta ultima. Os mestres chins só deram 2 atacados.

No dia 8 foram atacados 1 mulher pobre no sitio denominado *Baixo monte*, 2 individuos europeus na rua Central e 2 doentes da enfermaria de cirurgia do hospital militar, 1 dos quaes veio a fallecer, todos na freguezia da Sé. Foi recolhido no mesmo hospital 1 soldado do batalhão de artilheria. Os chins communicaram 6 casos.

No dia 9 apenas foi conduzida 1 mulher china para o asylo dos pobres, onde falleceu no mesmo dia, e os mestres chins deram 7 atacados na sua gente.

No dia 10 foram conduzidos ao hospital militar 2 cholericos, 1 pertencente á guarnição da lorchá de guerra *Anasona*, e o outra ao batalhão de artilheria. Este ultimo soffria havia cinco dias uma ligeira diarrheia, e foi fortemente atacado, achando-se de guarda no palacio do governo. Ambos falleceram, e o ultimo em menos de dez horas. Ao mesmo tempo foram recolhidos no asylo dos pobres 2 chins que se curaram, e foi atacada 1 ama de leite china da casa dos expostos, a qual se retirou para sua casa, e depois entrou no asylo dos pobres, onde falleceu. Os mestres chins deram 4 atacados e 2 mortos.

No dia 11 entram no hospital militar 5 cholericos atacados no mesmo dia, nenhum em estado grave pertencendo todos á lorchá *Anasona*. No asylo dos pobres entraram 2, 1 homem e 1 mulher, que era a ama da casa dos expostos. Os mestres chins deram 16 atacados.

No dia 12 pela madrugada deu-se o segundo caso na casa dos expostos, freguezia da Sé, sendo atacada 1 creança, que foi remetida para o hospital da misericordia, onde falleceu algumas horas depois. No hospital militar foi atacado durante a noite 1 doente da enfermaria de cirurgia, e entraram mais 3 cholericos n'aquelle madrugada, sendo 1 da lorchá *Anasona*, 1 do batalhão de artilheria e 1 do corpo de policia. No asylo dos pobres foi recolhido 1 chim. Os mestres deram 21 atacados e 3 fallecidos.

No dia 13 foram atacados na casa dos expostos 1 creança e 1 mulher que foram para o hospital da misericordia, onde falleceu a primeira. No hospital militar entraram 2 soldados atacados n'aquelle madrugada, 1 do batalhão de artilheria e 1 do corpo de policia. Os mestres chins communicaram 15 atacados e 3 mortos.

No dia 14 não houve caso algum na população portugueza. Os mestres deram 17 atacados.

No dia 15 foi atacada 1 creança na casa dos expostos e 1 soldado do batalhão de artilheria. Entre os chins houve apenas 9 atacados.

No dia 16 ninguém foi atacado na população portugueza. Entre os chins deram-se 12 casos.

No dia 17 foi remetido da cadeia publica para o hospital militar 1 preso chinês atacado no mesmo dia, o qual falleceu. No asylo dos pobres entrou outro homem, que teve igual fim. Foram tambem atacados 2 homens da policia, os quaes foram tratados em sua casa. Os chins deram na sua gente sómente 4 atacados.

No dia 18 nenhum caso houve na população portugueza. Houve porém 9 atacados e 4 fallecidos entre os chins.

No dia 19 entrou para o hospital militar 1 soldado do corpo de policia poucas horas depois do ataque, e foi atacado no mesmo hospital 1 serente europeu da enfermaria dos cholericos; o primeiro falleceu dias depois. Os chins tiveram 16 atacados e 3 fallecidos.

No dia 20 adoeceu gravemente na casa dos expostos 1 creança, que falleceu, sendo este o ultimo caso n'aquelle estabelecimento. Foi tambem atacada, e teve igual fim no dia seguinte, Sabina do Rosario, moradora no pateo da Alfandega, freguezia da Sé mãe de um dos policiaes atacados no dia 17, e que d'elle cuidava, fallecendo no dia seguinte: foi tratada bem como o filho pelos facultativos Alvares e Abreu. No asylo dos pobres entraram 2 chins, que saíram curados. Os mestres chins deram 11 atacados e 5 fallecidos.

No dia 21 conduziram ao hospital militar 1 anepçada que fôra atacado achando-se destacado na alfandega; curou-se, e foi este o ultimo caso de cholera-morbus que appareceu no mesmo hospital, e que houve entre os militares. Não se deu caso algum mais n'esse dia. Entre os chins foram atacados 28 e falleceram 7.

No dia 22 foi atacada, e falleceu em dez horas, Ignacia Antonia, mãe de Sabina do Rozario, atacada no dia 20, e avó do policia atacado no dia 17, todos da mesma casa. Esta doente falleceu. No asylo dos pobres foi recolhido 1 homem, que saiu curado. Os mestres deram 21 chins atacados e 6 fallecidos.

No dia 23 deu-se 1 caso grave no *Bazarinho*, freguezia de S. Lourenço; era 1 creança que foi tratada pelo facultativo Abreu, e que succumbiu. Na mesma casa foram atacadas mais 2 mulheres, que se restabeleceram. Entrou 1 homem no asylo dos pobres, onde d'ahi em diante não appareceu caso algum mais. Entre os chins foram atacados 10 individuos, e falleceram 2.

Não houve no dia 24 senão 4 casos, nenhum fatal, entre os chins.

No dia 25 a ama de uma irmã mais nova da creança atacada no dia 23 no *Bazarinho* é por sua vez acommettida de cholera-morbus e morre, e em seguida o cozinheiro da casa, que se retirou, e foi morrer, segundo contou, em uma aldeia proxima: ambos eram chins. No sitio da *Gambôa*, freguezia da Sé, foi gravemente atacado e falleceu 1 empregado da camara municipal, europeu, tratado pelo cirurgião môr Telles, e por nos observado por varias vezes. Entre os chins foram atacados 6 e falleceu 1.

Nenhum caso se deu na população portugueza no dia 26. Entre os chins houve 3 atacados.

No dia 27 a creança, cuja ama havia adoecido no dia 25, foi tambem atacada e falleceu; de modo que na mesma casa desde o dia 23 a 27 foram atacadas 6 pessoas, das quaes falleceram 4. Este doente foram tratados pelos facultativos Alvares e Abreu. Os chins deram n'este ultimo dia 7 atacados e 1 fallecido.

Não houve caso algum de cholera-morbus entre nós nos ultimos tres dias do mez de setembro, nem tão pouco nos dois primeiros dias do mez de outubro. Na população chinesa houve o seguinte: 5 atacados e 2 fallecidos no dia 28 de setembro, 1 atacado no dia 29, e 2 no dia 30; todos 8. Os mestres deram por terminada a epidemia na sua gente, e cessaram por conseguinte as suas participações no dia 30 do mez.

No dia 3 de outubro foi atacado na freguezia da Sé, nas proximidades do hospital da misericordia, Albino Dias, natural de Macau, de doze annos de idade, que foi tratado pelo facultativo Alvares e se restabeleceu, e 1 rapariga, que succumbiu. Depois só no dia 20 foi atacada 1 senhora na *Ponta-voad*, freguezia de S. Lourenço, e houve na mesma casa mais 3 casos, que foram attendidos pelos facultativos Alvares e Abreu. Seguiram-se depois os ultimos casos no dia 18: foram 3, 1 creança e 2 creados chins em uma mesma casa na rua da *Pramba*, freguezia de S. Lourenço, e observados pelo primeiro d'aquelles facultativos.

A epidemia pois na população portugueza começou no dia 22 de agosto, e terminou no dia 10 de outubro, dia em que appareceram os ultimos casos;

e na população chinesa, segundo as participações dos mestres chins, principiou no dia 26 de agosto, e findou no dia 30 de setembro. Temos motivos para tomar com a maior reserva este ultimo facto, cuja exactidão não dependia do zelo e boa vontade que encontramos no chefe e nos dois outros officiaes da repartição de policia onde os mestres chins eram interrogados, mas sim d'estes ultimos que não possuem nem uma nem outra d'aquellas qualidades. Como no dia 3 de outubro foi atacada 1 rapariga china e no dia 18 do mesmo mez 3 chins em casas portuguezas, quando os mestres deram por terminada a epidemia, é muito provavel que esta começasse tambem primeiro na população chinesa, excessivamente maior que a portugueza, e que vive no meio de um conjunto de causas de insalubridade, que mal podem ser imaginadas. Alem d'isto note-se que os proprios mestres declararam mais tarde que no numero dos casos de cholera-morbus por elles communicados entravam muitos que o tinham sido de simples diarrheia. Aqui está porque a mortalidade entre os chins, comparada com o numero dos atacados, não se apresenta maior do que realmente foi. Ha n'isto o que era de esperar da falta de conhecimentos medicos, de zelo na reunião dos factos, do amor da verdade e da sciencia.

V

HISTORIA GERAL DA DOENÇA.

Na grande maioria dos casos não se manifestaram n'esta epidemia os prodromos ou signaes primonitorios, começando logo o ataque com maior ou menor intensidade. Nas poucas vezes em que elles appareceram, com antecedencia de dois a oito dias, consistiram em uma simples diarrheia de materias biliosas com inappetencia, certo desconsoho no ventre e algum enfraquecimento geral.

Apresentados ou não estes prenuncios, os phenomenos do primeiro periodo ou da invasão da doença foram os seguintes: inquietação, anxiedade, rosto contraído e pallido, olhos encovados, extremidades frias, transpiração; fraqueza incommoda, formigueiro ou cainbras mais ou menos dolorosas nas extremidades inferiores e ás vezes tambem nas superiores; excepcionalmente certo grau de surdez; pulso contraído, filiforme, muito frequente; respiração apressada; voz enfraquecida, uma ou outra vez rouqueira; supressão de urinas no maior numero de doentes, lingua constantemente larga, alvaca e humida; sede intensa; gastro-enteralgia, ventre abatido; vomitos e diarrheia abundantes e frequentes. A materia dos vomitos, livre das substancias alimentares, e passados os primeiros mais ou menos biliosos, consistia em um liquido incolor, ás vezes ligeiramente citrino, contendo flocos ou tomentos esbranquiçados. As camaras, no principio contendo materias fecaes mais ou menos liquidas, biliosas em maior ou menor grau, o que modificava a sua cor, eram de um liquido igual ao dos vomitos, e em muitos casos perfeitamente similhantes ao decotto de arroz, em que no acto de coacção se deixasse escapar uma boa porção de grãos d'este cereal extremamente cozidos.

A diarrheia e os vomitos, estes dois principaes symptoms do primeiro periodo, cediam promptamente a um tratamento adequado, e, ou os doentes se curavam em poucos dias, desvanecendo-se gradualmente os outros symptoms, ou passavam para um estado mais grave.

No segundo periodo da doença, periodo algido ou característico, os symptoms foram em geral estes: decubito dorsal, prostração extrema, magreza notavel, principalmente indicada no rosto, mas nunca ao ponto de tornar o individuo desconhecido; ligeira colorisação azulada em todo o corpo, só característica nas mãos e pés com arrugamento das polpas dos dedos; resfriamento completo e glacial; suores abundantes, frios e viscosos; voz de segredar, sepulchral, extinta com uma ou outra excepção; dureza do ouvido; facultades intellectuales intactas, excepto em um caso; pulso imperceptível na arteria radial, e depois até na brachial; cainbras muitas vezes intensas: ventre abatido, com saliencia dos musculos rectos e ligeira tympanite na maior parte das vezes; lingua sem notavel alteração do que se disse no periodo anterior; sede intensa; supressão completa da diarrheia, havendo em poucos casos uma ou outra dejecção biliosa; geralmente ausencia de vomitos, que contudo appareciam espaçadamente mais vezes do que as camaras; pequenas emissões de urina, e em bastantes casos soluços que não foram sempre um indicio de terminação fatal. N'este gravissimo estado os doentes ou falleciam, ou passavam para o periodo seguinte. O maior numero porém dos fallecidos succumbiu no periodo algido.

No terceiro periodo ou da reacção, esta se apresentou muitas vezes franca e regular, outras porém de uma maneira incompleta e vacillante, até que se estabelecia com regularidade, mas lenta, ou se desvanecia para o doente cair de novo no estado anterior e fallecer, como uma e outra vez acontece. A

reação foi quasi sempre inflammatoria, mas nunca intensa. Algumas vezes tomou a forma ataxico-adynamica, sempre fatal. Observámos tres casos de reacção comatosa, dois dos quaes terminaram pela morte. Em muitos casos sobrevieram accessos de febres intermittentes. Alguns, poucos, complicaram-se com inflammção dos orgãos respiratorios. Quatro doentes foram atacados de hepateite bem caracteristica, que fez succumbir os doentes, á excepção de um, crescendo ainda em um dos fallecidos a bronchite capillar.

A duração da doença nos individuos que se curaram, e que não passaram do primeiro periodo, foi quasi sempre breve, restabelecendo-se estes rapidamente. Nos casos em que percorreram os tres periodos a doença foi mais duradoura, como era natural, mas nunca demasiadamente longa, e a convalescença geralmente não foi difficil e prolongada. Nenhum doente se tornou depois valeditario, antes todos se restabeleceram completamente. A menor duração dos casos que se tornaram fataes foi de sete horas, não se dando caso algum fulminante na população portugueza. O caso fatal mais prolongado foi de nove dias. Ordinariamente falleciam os doentes no segundo ou terceiro dia.

Depois de tantos casos, alguns bem característicos, cujos symptomata deixámos apontados, não restava duvida alguma sobre a diagnose da doença feita logo no principio da epidemia.

(Continúa.)

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

As folhas inglezas, recebidas pelo vapor *Imperatrice* da companhia de *Messageries Imperiales*, alcançam a 17 de junho. A conferencia sobre a questão dos ducados estava adiada para o dia 18 de junho. Os plenipotenciarios da confederação germanica e Dinamarca publicaram as suas declarações, oppondo-se a que Schleswig separe de si qualquer parte do seu territorio. Um correspondente do *Times* que escreve de Vienna a 14 de junho diz que se julga que o Gran Duque de Oldenburg cederá á Prussia a parte do territorio que loca o mar do norte, se a validação da sua pretensão ao Schleswig-Holstein for reconhecido. A familia imperial da Russia cedo os seus direitos ao Gran Duque de Oldenburg, com grande prejuizo do Conde Reichenow. O *Deputado* do dia 10 de junho assegura que o Barão von Plessen, ministro da Dinamarca em St. Petersburgo partirá para Copenhagen, levando uma proposta para restabelecer Schleswig-Holstein na monarchia dinamarqueza, preservando assim a integridade do reino. Um telegramma de 25 de junho, que o *Hongkong Daily Press* publica, dá a conferencia terminada sem resultado, e a probabilidade d'uma guerra imminente, por ter sido rejeitada a proposta da Inglaterra. Este telegramma, porem, a nosso ver precisa confirmação.

Havia rumores em França que um accidente aconteceria ao Imperador Napoleão, pelo qual Sua Magestade esteve quasi perdendo a vida. Os despachos officiaes de Argel annunciam que as tribus do sul da provincia de Oran se submetteram ao general Deligny, e que o mesmo fizeram os insurgentes de Djebel Amoun ao general Jusuf. Foi morto em França Marabout, principal causador da insurreição d'Argel. O *Moniteur* do dia 12 de junho diz que esta execução era precisa com o fim de desorganizar promptamente a insurreição.

Prevalece em Tunis muita agitação. O arabe bey, Ali Ben Rdam, foi mandado para as vizinhanças de Testour com 5,000 cavallos. A politica italiana é favoravel á independencia de Tunis: o governo de Turim porem segue a ordem dos acontecimentos, com o fim de perseverar que se julgue que ha nelles a influencia da Italia.

O *Czar* da Russia não mandará novo ministro para Roma, assim o assevera o *Nord*, devendo as relações entre os dois países fazerem-se por officios.

A aldeia de Prusazaba, na Polonia, foi arrasada pelos russos. Os seus habitantes tinham espantado um espião. Homens, mulheres e crianças foram mandados meio-não, para a Siberia.

O Imperador Maximiliano e sua consorte chegaram á Jamaica no dia 21 de maio, no vapor austriaco *Yocara*. No dia 22 seguiram para Vera Cruz. As forças estrangeiras ao serviço do Mexico, compoem-se-lho de 16,000 homens, a saber: 8,000 francezes, 6,000 austriacos, e 2,000 belgas. Esta legião será intitulada "Legião estrangeira," e será commandada por um general francez, que receberá os ordens directamente do Imperador Maximiliano, entendendo-se com o ministerio da guerra só no que disser respeito a negocios administrativos. A legião dividir-se-ha em regimentos que se intitularão—Imperador Napoleão 3o, Imperador d'Austria, e Imperador Maximiliano: os soldados belgas formarão um que se chamará, Imperatriz Carlota. Acerca dos negocios do Mexico, diz o *Moniteur* que tudo corre favoravel ás tropas francezas, e que o coronel Dupin tem obtido brilhantes victorias em Santo Antonio. Os mexicanos perderam 200 homens, e os francezes 12. Juarez anda errante, e incapaz de resistir.

O principe Gousa foi esplendidamente recebido em Constantinopla pelo sultão. A emigração dos circassianos continua a ser grande.

Annuncia-se, e'd'algum modo o asseveram alguns jornaes, que Luiz Victor d'Austria e o consorte destinado á herdeira do Brazil, a filha mais velha do Imperador D. Pedro.

As ultimas noticias d'Hispanha, são de 14 de junho: neste dia se reuniu o conselho de ministros para se occupar da questão perniana. Afirmava-se tambem que as cortes seriam fechadas a 15. Um artigo sobre a nova lei de liberdade de imprensa, já tinha sido approved nas camaras hespanholas, por 117 votos contra 9. O Perú, o Chili, e as vizinhanças destas republicas estão animadas de indignação contra o procedimento da Hespanha. O sr. Mazzaredo, commissario hespanhol resignou, e voltou para Hespanha: a sua vida esteve em perigo, bem como a do seu secretario, ameaçadas pelo veneno e pela pistola, e o admirante inglez Harvey teve de interfir para os proteger. Os preparativos de guerra continuam acalorados no Perú.

Acerca de S. Domingos, confirma-se a posse de Monte Christo, pelos hespanhoes. A captura dizem uns que foi a 15 de maio, outros a 17: as perdas do lado dos hespanhoes são de 100 homens, entre mortos e feridos, entrando nestes ultimos o general em chefe, Primo de Rivera. Não se faz menção da perda do inimigo, nem se houveram prisioneiros, o que faz julgar que retirou em boa ordem da cidade. Dm. Carlos de Vargas, ultimo capitão-general em Sm. Domingos, partio de Havana para Nova York, abordo do *Engle*.

Da America sabe-se que Grant se removerá pelo lado esquerdo, atravez de Pamunkey, e que Lee passou a cercar Richmond, por este lado. Nada ha decisivo entre elles. Os ultimos despachos de Grant são de 3 de junho, e dizem que fora assaltado o inimigo, occupando as tropas uma posição a cincoenta jardas de distancia, ficando 300 homens prisioneiros. Outro despacho official diz que os federaes perderam 3,000 homens entre mortos e feridos, tendo tres coroneis mortos e dois feridos, e severamente ferido o general Tyler. Sherman diz em 2 de junho que a cavallaria de Stoneman se apoderára de New Hope Gap, e que Schofield e Hooker foram impellido a retirar para Marietta. O *Richmond Inquirer* de 30 de maio descreve um combate, havido no dia 28, entre os federaes commandados por Howard e os confederados em New Hope, sendo a perda de 5,000 a 7,000 homens.

CORRESPONDENCIAS.

SEMINARIO DE S. JOSÉ, MACAÓ,
2 de agosto de 1864.

SR. REDACTOR DO *Ta-ssi-yang-kuo*.

Depois de muitos e tristes desenganos, em vista de certas correspondencias, etc., que ultimamente tem apparecido no Jornal que V. redige e no *Echo do Povo*;—em vista especialmente da primeira exarada no ultimo n.º deste Jornal (o de 31 de julho)—correspondencia inqualificavel e em que parece serem offendidas grosseira e indignamente pessoas a quem respeito e a algumas das quaes até devo gratidão: em vista ainda d'outras razões que apparecerão talvez em occasião oportuna, escrevi nesta mesma data uma carta ao Sr. Redactor do *Echo do Povo* declarando não estar resolvido a continuar a ser collaborador d'aquelle Jornal, nem de qualquer outro politico destas partes.

Se V. publicar estas duas linhas no proximo n.º do *Ta-ssi-yang-kuo*, muito obsequiará quem é

De V.

Servo Obg. em Ch.

PR. JOSÉ JOAQUIM D'AFFONSECA MATTOS.

SR. REDACTOR.

Quando no seu numero passado escrevi uma correspondencia, em que preveni os meus patrios de Macau de que os inimigos da nossa religião se fingem amigos della, para, acobertados com a sua capa, dominarem a consciencia dos incautos, e depois formarem á vontade os seus tramas execrandas, tão nocivos á sociedade, como condemnados pela mesma religião,—logo antevi que parte dos correspondentes do *Echo do Povo* se haviam de sentir opprimidos com a sabia e justa doutrina do divino Victor Hugo, que ali citei, porque o *Echo* tem correspondentes que se fazem apologistas do partido, que é condemnado pela Igreja, e que se chama partido clerical. Este partido, com quanto seja composto de terriveis indoles, tem contudo grandes intelligencias, que trabalham robustamente para inverter o sentido á religião sancta de Christo, a fim de fazerem della um instrumento profano, que lhes sirva de auxilio para vulnerar com a setta envenenada de seu egoismo o pobre povo, que singelo se deixar cahir em seus laços infernaes. O partido clerical tem, pois, muita arte e engenho para a maldade, mas ha felizmente muitissimos outros homens que lhe sabem descobrir os seus tramas nefandos, e que os denunciam á sociedade para bem da religião christã e do genero humano, e são estes homens, entre os quaes figura em primeiro logar o grande Victor Hugo, que obrigam esse partido a fazer parar a cada passo a sua obra maldita, da qual já gosou em outras eras á custa do sangue humano, mas que, por mais esforços que hoje faça, não a pôde levar a effecto no seculo em que vivemos. Naquelles escuros tempos este mesmo partido clerical, mas com outro nome, abusava da cega ignorancia do povo para o enganar e trucidar despidadamente, porque, diziam elles, a luz da sciencia é só para nós; mas hoje que o povo sabe tanto como elles não se deixa assim illudir. O povo quer a religião tal qual Christo a deu aos homens, quer o evangelho que escreveram os quatros evangelistas, e não soffre a padres, nem a seculares que invertam e adulterem a religião sancta de Christo, porque o povo tem hoje luz bastante para conhecer os homens que pretendem converter a religião em uma alavanca politica, para com ella conseguir os seus exclusivos e detestaveis interesses, em grave prejuizo dos seus semelhantes e em desacato á obra sancta de Christo.

É necessario, por tanto, que o povo esteja alerta, e observe os movimentos desses homens perigosos. Refiro-me aos homens de que se compõe o partido clerical, e não aos correspondentes do *Echo do Povo*, porque estes terião talvez como os outros o rancor no coração, mas nada podem fazer por falta de engenho e arte, e em uma palavra por falta de cabeça, o que aliás não falta aos outros para fazerem os seus calculos, repassados de maldade, e tornarem-se por isso perigosos a todos aquelles que apanharem desconfianças.

Leia o povo as obras francas e verdadeiras dos seus desinteressados defensores, para se não deixar cahir nos laços terriveis de uma setta, que tem o mal nos labios e o fel no coração, e que falla em Deos, tendo o demonio dentro em si.

Vem um communicado e umas perguntas no *Echo do Povo*, obra improvisada para de alguma forma combater o que eu disse na minha correspondencia passada, mas o seu author está muito enganado com isso que para ahi inventou de improviso, e que revela á primeira vista a virulencia que o dictou, porque os meus patrios não se embaçam assim. Veja-se como elles por ahi dizem que aquillo não foi senão umas malevolas insinuações que para elles não servem!

Meus senhores, é escusado cansarem-se. Isso que ahi disseram de Victor Hugo não vale nada; é o mesmo que um cão a ladrar á lua. Deixemos-nos dessas coisas, que nem os seus authors as provam, nem eu lhes exijo provas, porque isso nada tem com a minha questão que é toda doutrinal. Se querem responder-me, se querem contrariar-me, provem-me, se podem, que é má a doutrina de Victor Hugo. Maldita obstinação é a dos taes correspondentes do *Echo* em fugirem sempre das questões, apparecendo com despropósitos que, denunciando a má intenção de quem os pratica, nada mais significam!

Agora continuarei, meus patrios, com a doutrina do grande Victor Hugo, o qual com a luz da verdade vaé indo, de tribuna em tribuna, illuminando cada vez mais os povos illustrados que o admiram.

Vejam como elle rasga o véo, com que o partido clerical quer encobrir a verdade:

"Sois muito conhecidos! Todos nós conhecemos o partido clerical! É um partido velho com *servicos numerosos e provados*. Está de sentinella ás portas da orthodoxia. É o inventor de *dois estios* admiraveis da verdade—o erro e a ignorancia. Foi elle quem levantou o missal como barreira, prohibindo ao engenho e á sciencia que passassem alem, e atrevendo-se a clausurar o pensamento no estreito recinto da interpretação do dogma. Tudo o que a intelligencia da Europa conquistou até hoje, obteve-o lutando com elle. A sua historia está escripta nas paginas do progresso humano, mas escripta no verso. A sua divisa é ter-se opposto, e oppor-se ainda a tudo o que é grande.

"Quem mandou flagellar Prinnel por dizer que as estrelas não haviam de cahir do céu? Quem por sete vezes espertou os tratos, que padecem Campanella por afirmar que o numero dos mundos era infinito, antevendo os segredos do Creator? Quem perseguia Harvey, porque prouvo que o sangue circulava? Quem encerrou Gallien no carcere, invocando Josué; e Christovão Colombo em uma prisão, invocando a auctoridade de Sm. Paulo? Descobrir as leis do céu era impiedade; descobrir um mundo novo foi heresia! O partido clerical fulminou o seu anathema contra Pascal em nome da religião—contra Montaigne em nome da moral—contra Molière em nome da moral e da religião! Oh! qualquer que seja a vossa denominação, todos vos conhecem, embora vos chameis partido catholico ou partido clerical. Ha muito já que a consciencia humana luta contra vós, e vos pergunta: "O que quereis de mim?" Não é de hoje nem de hontem a vossa tentativa de soffocar com mordanças a voz da humanidade e dos progressos!

"Qual é o poeta, o escriptor o philosopho, que não tendo repellido! Tudo o que se escreveu, meditou, descobriu, deduziu, imaginou e inventou, tudo o que devemos aos engenhos eminentes, os thesouros da civilização, a herança secular das gerações, esse immenso e opulento patrimonio commum das intelligencias, quem o rejeita e o despreza!" Se o cerebro da humanidade se abrisse perante vós como as folhas de um livro, se vos deixassem, eréis capazes de riscardes delle tudo, porque tudo vos repugna.

Ha um livro, que desde a primeira até á ultima pagina, é uma emanção sublime, livro que foi sempre para nós o que o Koran significa para o islamismo, o que os Vedas representam para a India: livro que encerra toda a sabedoria humana, illuminada pela sabedoria divina, e que a veneração dos povos chama por excellencia—o Livro, a Biblia! Pois bem, a vossa censura não reitou diante d'elle! Coisa incrível! Honra Papas que proserveram a Biblia! Que assombro para os prudentes, e que espanto para os simples de coração, o verem o index de Roma levantado contra o Livro de Deus!"

Paro hoje, Sr. Redactor, com este assumpto, para o continuar em outro numero, e vou concluir por uma declaração talvez escusada, mas que entendo que devo fazer.

Ha um correspondente do *Echo*, que me quer fazer passar por author de umas mal alinhavadas linhas que lá escreveu. Isto é o requinte da calumnia, e serve para que o publico mais uma vez conheça o *Echo*. A minha linguagem não pôde confundir-se com a linguagem dos correspondentes do *Echo do Povo*, e isso deveria bastar.

Todavia declaro que nunca escrevi no *Echo do Povo*, e que esta é a terceira correspondencia que escrevi no *Ta-ssi-yang-kuo*, onde continuarei a escrever, se a sua illustrada redacção m'o permittir.

Sou, Sr. Redactor,

De V. etc.

UM MACAISTA.

Macaó, 3 de agosto de 1864.

MACAÓ 3 de Agosto de 1864.

SR. REDACTOR.

Quando ha duas semanas tive o gosto de escrever a V., agradecendo-lhe o emprestimo que me tinha feito de alguns jornaes, em que vinham os discursos que brilhantemente refutavam um do Sr. Pinto Coelho, mostrando por essa occasião o meu sincero e entusiastico assentimento